



## POR UMA CARTOGRAFIA DAS MITOPOÉTICAS DE BREVES/MARAJÓ

DANIELI DOS SANTOS PIMENTEL; LUIZ GUILHERME DOS SANTOS JÚNIOR

### RESUMO

O trabalho tem o objetivo de apresentar os resultados parciais do projeto de pesquisa intitulado Mito e oralidade no contexto marajoara: por uma cartografia das poéticas orais de Breves, coordenado pela professora Dra Danieli dos Santos Pimentel, o projeto é vinculado à Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó-Breves. Desse modo, a pesquisa mapeia o campo do imaginário mítico do contexto marajoara e municípios próximos, em especial, à sobrevivência de práticas da tradição oral e ou escrita na voz de narradores da região dos rios e das florestas. Para tanto, desde 2022, o projeto vem realizando o levantamento e recolha de narrativas do imaginário popular do referido município, principalmente, os mitos presentes nas mais variadas formas narrativas e textos da cultura brevese. Assim, com base no método cartográfico de Jesús Martín-Barbero (2002), um dos objetivos da pesquisa é cartografar, identificar, registrar e estudar o conjunto de mitos da região, em face disso, o mapeamento das mitopoéticas também se dá a partir dos aportes teóricos da chamada literatura oral, com base no veio teórico/metodológico de Paul Zumthor (1993), autor que sustenta o trabalho de pesquisa com as poéticas da oralidade e a performance de narradores em diferentes espaços. A primeira parte do projeto realizou a recolha dos textos em que os mitos e suas variantes se expressam nos diversos textos do imaginário, a esse exemplo, o cordel do escritor marajoara Antonio Juraci Siqueira registrou e narrou uma das variantes do mito da criação dos rios do Marajó, ao mesmo tempo em que recupera o mito da Cobra Grande.

**Palavras-chave:** Mitopoéticas; Cartografia; Oralidade; Marajó; Cobra Grande.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao falarmos sobre o contexto da oralidade na Amazônica, é preciso registrar que um dos maiores projetos de extensão e de cunho interdisciplinar é o IFNOPAP – “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense”, idealizado pelos professores Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e Christopher Golder, em 1994 na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, e que pesquisou, registrou e criou um banco de dados dos mitos amazônicos, bem como das formas orais da cultura popular paraense.

Nessa mesma esteira teórica, podemos destacar as pesquisas “Núcleo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas” (CUMA), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), idealizado pela professora Dra. Josebel Akel Fares, e que, ao longo de duas décadas, orienta trabalhos no campo da literatura oral. O modo de pesquisa realizado por alguns pesquisadores do CUMA estabelece uma conexão teórica e metodológica com o IFNOPAP, estreitando e alinhando interesses comuns ligados por alguns vetores deste último projeto, a partir do legado de estudiosos e pesquisadores que fundamentam o pensamento sistêmico das poéticas orais.

Nesse sentido, o projeto intitulado “Mito e oralidade no contexto marajoara: por uma cartografia das poéticas orais de Breves” retoma algumas bases teóricas e metodológicas dos referidos projetos mencionados, pioneiros na Amazônia, como também adapta certas propostas ao contexto do Marajó, como, por exemplo, o objetivo de pesquisar e registrar as narrativas do

imaginário amazônico. Para tanto, realizou-se o levantamento prévio de fontes bibliográficas da área das poéticas orais, trabalho já bastante avançado por diversos grupos de pesquisa no Brasil e na região Norte.

De início, teoricamente, a pesquisa se alinha aos pressupostos de Paul Zumthor em livros seminais que ampliaram de vez os trabalhos com a literatura oral, possibilitando, dessa forma, o estudo da “ciência da voz” em diferentes contextos. A pesquisa com a literatura oral e popular busca sustentação no legado zumthoriano: *Introdução à poesia oral* (1997), *Performance, Recepção e Leitura* (2000), *A letra e a voz* (2001) e *Escritura e nomadismo* (2005). Depois de Zumthor, a estudiosa da oralidade Jerusa Ferreira (1991) deixou um grande legado teórico para as pesquisas que envolvem a tradição cultural de diversas matrizes; além disso, a pesquisadora em questão é considerada uma das principais intérpretes e tradutoras do legado de Paul Zumthor no Brasil.

Desde os anos de 1960, década em que a voz ganha um *status* científico dentro das universidades, as pesquisas também se alargaram, e hoje linhas de pesquisa, grupos de trabalho, revistas científicas e periódicos voltados para a área das poéticas orais e literatura popular, abundam cada vez mais. Nesse campo de abordagem, um dos maiores projetos de extensão e de cunho interdisciplinar é o IFNOPAP – “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense”, idealizado pelos professores Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e Christopher Golder, em 1994 na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, e que pesquisou, registrou e criou um banco de dados dos mitos amazônicos, bem como das formas orais da cultura popular paraense.

Além das pesquisas realizadas pelo Núcleo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), idealizado pela professora Dra. Josebel Akel Fares e que, ao longo de duas décadas, orienta trabalhos no campo da literatura oral. Núcleo com o qual este projeto de pesquisa estabelece uma conexão teórica e metodológica, estreitando e alinhando interesses comuns, ligados por alguns vetores dessa linha de pensamento, apropriando-se também do legado de estudiosos e pesquisadores que fundamentam o pensamento sistêmico das poéticas orais.

Já sobre o conceito de mito, tema central que permeia os projetos sobre a oralidade, como explica Eliade, não há necessariamente uma interpretação que possa se ajustar a todas as representações culturais. No entanto, o estudioso explica, em linhas gerais, “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’”. Desse modo, do ponto de vista transcendental, o mito carrega em si uma “sacralidade” e tem uma relação profunda com o sagrado. Como veremos a seguir, a criação dos rios da ilha do Marajó guarda esse aspecto do sagrado, pois relaciona-se com a presença de um ser que, em sua dimensão arquetípica, tem profundas características com as origens criadoras da vida.

Assim sendo, será apresentado os resultados parciais obtidos a partir da pesquisa que, em um primeiro momento, desdobrou-se em realizar um levantamento de fontes bibliográficas e literárias sobre o imaginário *mitopoético* do Arquipélago do Marajó. Nesse contexto, o referido projeto investiga o imaginário mítico do contexto marajoara, em especial, a sobrevivência de práticas da tradição oral no município de Breves. Um dos objetivos da pesquisa é fazer um levantamento e recolha de narrativas do imaginário local no sentido de cartografar os mais variados textos da cultura oral e escrita.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

No artigo, analisamos o mito da Criação dos rios da Ilha do Marajó, a partir da literatura de cordel do cordelista Juraci Siqueira. Nesse sentido, verificou-se que mito da criação dos rios perfaz o imaginário dos povos originários da região amazônica e recupera a voz do indígena Severino dos Santos, da etnia Aruã que, em 1783, relatou ao naturalista Alexandre Rodrigues

Ferreira a variante do mito, conforme dados presentes na edição do próprio cordel.

O cordel com texto integral de Juraci Siqueira e ilustração de Sirley Santos recupera o imaginário da *mitopoética* e recria o mito da criação dos rios, no dizer do escritor que também é poeta e ribeirinho, ao retomar a variante do mito, recupera a matriz ancestral e a voz do passado: “sou poeta ribeirinho sempre atrás de um conto novo; da voz dos meus ancestrais, velhas histórias renovo e as prendo, em temas diversos, na tarrafa dos meus versos para entregá-las ao povo” (Siqueira, 2018, p. 1).

Assim, com base no método cartográfico de Jesús Martín-Barbero (2002), um dos objetivos da pesquisa é identificar, registrar e estudar o conjunto de mitos da região, em face disso, o mapeamento das mitopoéticas também se dá a partir dos aportes teóricos da chamada literatura oral, com base no veio teórico de Paul Zumthor (1993), autor que sustenta o trabalho de pesquisa com as poéticas da oralidade e a performance de narradores em diferentes espaços.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cordel com texto integral de Juraci Siqueira e ilustração de Sirley Santos recupera o imaginário da *mitopoética* e recria o mito da criação dos rios, no dizer do escritor que também é poeta e ribeirinho, ao retomar a variante do mito, recupera a matriz ancestral e a voz do passado: “sou poeta ribeirinho sempre atrás de um conto novo; da voz dos meus ancestrais velhas histórias renovo e as prendo, em temas diversos, na tarrafa dos meus versos para entregá-las aos povo (...) E assim sigo plantando no chão, no vento e no mar histórias dos tempos idos prenhes de amor e pesar para serem recontadas por quem quiser e aumentadas a qualquer tempo e lugar” (Siqueira, 2018).

Nesses versos fica claro o trabalho do poeta em recuperar as vozes que o antecedem e que nos revisitam no presente graças à sobrevivência das poéticas da voz. Eis o mito na voz de Siqueira (2018, p. 2):

A história que vou contar foi narração verdadeira de Severino dos Santos, índio aruã da ribeira, dita de forma intimista ao sábio naturalista Alexandre R. Ferreira. Um dia, o velho aruã, sentindo-se triste e só, contou ao sábio esta lenda ouvida de sua avó que fala do nascimento, num fabuloso momento, dos rios do Marajó.

Nesse ponto, a ancestralidade do povo aruã é retomada pela narração e pela voz do presente, e, mais uma vez revivida, igualmente no cordel de Siqueira. Sob inspiração da musa da memória, o poeta pede passagem para que também sigamos na “igara de Severino”, para que façamos uma viagem no tempo, e façamos contato com um “mundo encantado”. A imagem a seguir presente no cordel de Juraci é um convite para a imersão nesse território do imaginário popular que compreende a travessia de portais, tema recorrente nas mitologias ligadas à pajelança marajoara presente em textos literários como: o romance *Marajó*, de Dalcídio Jurandir (1992) e *O mundo místico dos Caruanas*, de Zeneida Lima (2002).

A canoa se apresenta como um convite dessa travessia para o outro mundo, tipo de Caronte amazônico ultrapassando portais e chegando em outras dimensões, pois o início do mito, em que se descreve o tempo, ainda não se conhecia a ilha do Marajó; não havia os furos, os rios e os igarapés, apenas um imenso lago, como lemos a seguir:

Naquele tempo, crianças; o mundo era diferente pois o homem não produzia tanto lixo poluente e a Ilha do Marajó não tinha nome e era só dita a Ilha, simplesmente. Porém, não era só nome que a Ilha não possuía: furos, rios e igarapés por lá também não havia. Só tinha um lago gigante renovado a todo instante pela chuva que caía. (Siqueira, 2018, p. 7).

Nesse tempo, o imenso lago abrigava todo tipo de espécie animal, e entre todos os bichos, reinavam ali também as imensas serpentes. A serpente evoca o princípio da criação, um

arquétipo do Jardim do Éden, onde ela é seu “primeiro deus”; ao mesmo tempo remete-se ao *uróboro*, que simboliza, na visão de Campbell (p. 47), o ciclo da vida, “desfazendo-se do passado e continuando a viver”. A própria serpente, que em determinados períodos troca de pele e renasce, “é uma imagem da vida” em constante mutação, “e representa a energia e a consciência imortais, engajadas na esfera do tempo, constantemente atirando fora a morte e renascendo” (Campbell, 1990, p. 47). Como explica o referido estudioso, ainda no âmbito de sua simbologia, “a serpente carrega em si o sentido da fascinação e do terror da vida, simultaneamente [...] a serpente representa a função primária da vida”.<sup>1</sup>

Mas os ventos sopraram em outra direção, a chuva cessou na região e veio a seca, com ela a ameaça e a morte de várias espécies, segundo o trecho da narrativa:

Foi quando as cobras gigantes, sentindo a morte chegar, em prol da sobrevivência água tentaram encontrar. Com força e fúria tamanhas seguiram de encontro ao mar. Impossível descrever das serpentes o pavor. Cada uma parecia imenso e vivo trator rasga os sulcos no chão indo em qualquer direção alheias à própria dor (Siqueira, 2018, p. 13).

Após esse evento, as serpentes seguiram em direção ao mar, de acordo com o mito derrubaram tudo o que viram pela frente, abriram passagem por entre as “rochas, árvores e barrancos. Pela sede enlouquecidas, lutavam por suas vidas levando a morte nos flancos”. (Siqueira, 2018, p. 15). Sobre essa importância do mito da serpente, a partir dos arquétipos, ela é reverenciada em diversas culturas, seja pelos povos originários ou pela tradição hindu do deus Shiva; assim como é marcante na cultura sumeriana, dentre outros povos (Campbell, 1991, p. 49).

A serpente, como mito da fertilidade, compreende a dimensão feminina. A boiúna amazônica está presente no mito da criação de outros povos sul-americanos, como, por exemplo, o povo venezuelano yururo. Neste povo, a serpente é adorada como Kuma, que “ensinou às mulheres tudo o que elas sabem” (Barlett, 2011, p. 238). Ambos os mitos carregam essa responsabilidade em manter a tradição das origens e da ancestralidade. E nesse imenso serpentear, as cobras rasgaram os rios, aos pares ganhavam ainda mais força, derrubaram “a muralha que as separavam do mar”. (*Idem*). No encontro entre rio e mar, os rastros deixados pelas boiunas gigantes se encheram de água, e assim surgiram os rios que abundam o Marajó, nas palavras do poeta foi então que dos “rastros das sucuris os igarapés surgiram, dos rastros das boioçus grandes rios emergiram dando vida nova ao lago num doce e líquido afago e em prol da vida se uniram (Siqueira, 2018, p. 17). Essa passagem do cordel em que o mito da criação dos rios da Ilha do Marajó se apresenta pode ser comparado com as imagens dos rios do Marajó.

É a partir da criação dos rios que a natureza se refaz, os bichos tornam à vida, e nesse imenso bioma, a ilha do Marajó triunfa. Contudo, ao final do cordel, a crítica ao progresso é uma chamada de atenção de que o mito também explica a própria realidade, a condição imaginária e real no contexto do Marajó. O mito dialoga com o presente, ao mesmo tempo em que “recupera” as vozes originárias do passado, faz uma chamada para o presente: Por isso é que a nossa gente, vivendo em tempo enganoso, não sabe que cada rio profundo e misterioso que no Marajó se expande, é rastro de Cobra Grande de um passado fabuloso (Siqueira, 2018, p. 21). Essa imagem do rastro da serpente moldada nas dobras dos rios nos lembra o que afirma Bachelard (2003, p. 207), “o rio que *serpenteia* não é uma simples figura geométrica: na noite mais escura, há claridade suficiente para que o regato deslize na erva com a mobilidade e a destreza de uma longa cobra”.

---

<sup>1</sup> Em outras tradições culturais, por exemplo, no povo aborígene, “a serpente Arco-íris aparece em muitas mitologias diferentes, com diversos nomes, como Julunggul, Kumanggur, Ungar Yurlunggar” (Bartlett, 2011).

Loureiro (2001, p. 221) define a *mitopoética* da Boiúna como um evento único, essa imagem da Cobra Grande é vista como uma “epifania” ou ainda “o visível esplendor invisível do rio”. De certa forma, o autor confirma o que se verifica no cordel de Juraci, que a serpente povoa o imaginário do povo aruã, ainda para o estudioso do imaginário amazônico, a Boiuna é “das criações do fabulário indígena povoador das encantarias do fundo dos rios da Amazônia”. Ainda para Loureiro (2001) e Moraes (2014) há inúmeras variantes e associações do referido mito: mãe-d’água, navio iluminado, ou como “recriação das mouras portuguesas”, ou seja, Norato, mito que inspirou o livro de Raul Bopp (1994). Nesse sentido, sobre esses aspectos da Cobra Grande:

A luz é o componente essencial da lenda da Boiuna – mãe de todas as águas, no conjunto de elementos que compõem os seus relatos, há inúmeras narrativas desse mito que percorre deslizando os rios da Amazônia: seja como gênio do mal com poder de paralisar os outros animais; seja vagando e devorando o que encontra no caminho (Loureiro, 2001, p. 224)

Por essa lógica, as *mitopoéticas* existem não só como registros das vozes que nos antecedem, mas também como um profundo diálogo com as matrizes que sobrevivem a força do tempo, também para nos provar que “não estamos sós”, como reitera Siqueira ao final do cordel. Sem dúvida que esses rastros da Cobra Grande nos mostram não só o caminho para o mar ou para a casa, mas também o lugar de onde viemos e para onde queremos ir. Nesse curso, a sobrevivência das *mitopoéticas* dos povos originários nos ensinam a cada dia novas formas de conhecimento acerca desse legado, como uma forma de resistência contra o discurso colonial que ainda se impõe e fere diariamente as subjetividades, e o legado dos saberes e das poéticas da ancestralidade dos povos indígenas.

Por fim, o cordel de Siqueira termina com um texto de incentivo à formação do contador de histórias, numa tentativa benjaminiana de salvar a experiência dos narradores, a voz que narra, mas que está quase em vias de extinção. No mesmo cordel constam duas notas explicativas sobre o a variante do mito da criação dos rios do Marajó. A primeira nota afirma o seguinte: “Esse mito é baseado num relato do índio Severino dos Santos para o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e publicado no livro *Viagem filosófica*, vindo à luz em 1976 e reeditado pela editora Valer de Manaus/AM” (Siqueira, 2018, p. 25).

Sendo que a variante do mito narrada e recontada pelo poeta cordelista, também inédita, segundo o escritor, aparece primeiramente no livro *Marés - poemas de argila e sol*, editora Cromos, 2010, no poema “Maré Onírica”. Na referida nota, Siqueira afirma ter se inspirado no ensaio: *Novíssima Viagem filosófica*, do historiador e escritor José Varela Pereira. Assim, o mito da criação dos rios do Marajó se entrelaça ao mito da Cobra Grande.

#### 4 CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho, notamos que o tema relacionado ao mito de origem da Cobra Grande, no contexto marajoara, compreende o imaginário dos povos originários a partir da voz ancestral da oralidade e, no presente caso, retomado pela literatura de cordel do escritor Antonio Juraci Siqueira. Embora seja um mito presente no espaço do arquipélago do Marajó, há conexões profundas dessa narrativa com variantes de outros povos em diferentes contextos e culturas. O mito, nesse sentido, se desdobra em outras representações oriundas do espaço amazônico: navios encantados, seres sobrenaturais e imagens da própria geografia marajoara em que ilhas, matas e outros lugares se transformam, miticamente, no domínio da própria Cobra Grande entrelaçada no fluxo dos rios e das navegações.

#### REFERÊNCIAS

SIQUEIRA, Antonio Juraci. **O mito da criação dos rios da Ilha do Marajó (cordel)**. Belém- PA, 2018.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTLETT, Sarah. **A Bíblia da mitologia: tudo o que você queria saber sobre mitologia**. São Paulo: Pensamento, 2011.

BOPP, Raul. **Cobra Norato**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers. Trad. Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória**. (conto e poesia popular). Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 3. ed. Belém: CEJUP, 1992.

LIMA, Zeneida. **O Mundo Místico dos Caruanas da ilha do Marajó**. 6. ed. Belém: Cejup, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica — uma poética do imaginário**. São Paulo: Escrituras editoras, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Trad. Fidelina Gonzáles. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MORAES, Raymundo. **O meu dicionário de coisas da Amazônia**. 3. ed. Belém: Cultural Brasil, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. Trad. de Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

**Performance, recepção, leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

**Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira (et all). Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

**Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.